

**Conferência de**  
**Alberto e Constanza ALVARADO**

Quarta-feira 20 de Setembro



X<sup>ème</sup> Encontro Internacional  
das Equipas de Nossa Senhora

## EQUIPAS DE NOSSA SENHORA, COMUNIDADES VIVAS DE CASAIS

### Introdução

Há trinta e três anos, a Constanza e eu vivíamos em França por causa dos meus estudos de doutoramento na Universidade de Paris. Um dia de Setembro de 1973, a Constanza e eu estávamos a visitar este Santuário de Nossa Senhora de Lourdes com a única intenção de satisfazer o desejo de Isabelita, a mãe da Constanza. Nesse tempo, a nossa fé tinha arrefecido consideravelmente, devido, em grande parte, à própria natureza dos meus estudos de sociologia, feitos no contexto de uma metodologia empírica, e também à influência do meio universitário descrente em que estávamos inseridos. Não estávamos, pois, interessados em ir visitar a gruta, mas, por mera solidariedade, decidi acompanhar a minha sogra, que estava numa longa fila para entrar na gruta. De repente, encontrei-me diante da imagem de Nossa Senhora... Que dizer?... Que pedir?... «Nossa Senhora, se tudo isto é verdade, dá-nos de novo a fé!».

Uns meses depois, já de regresso ao nosso país, um domingo, ao passar pela igreja da nossa paróquia — também ela dedicada a Nossa Senhora de Lourdes — sentimos um irresistível impulso de entrar. Celebrava-se a Eucaristia, e o padre estava a pregar sobre o texto do evangelho de Lucas, a parábola do «filho pródigo». Esta dirigia-se, sem sombra de dúvida, a nós... Uns dias mais tarde, fomos chamados, pela segunda vez, a entrar nas Equipas de Nossa Senhora.

Hoje, trinta e três anos mais tarde, graças ao caminho fielmente percorrido no Movimento, aqui estamos os dois, de novo diante da gruta de Nossa Senhora de Lourdes, dando testemunho da fé reencontrada no Filho de Maria. Que dizer?... Que pedir... neste momento? «Nossa Senhora, tudo isto é verdade... Dá-nos a graça de transmitir a nossa fé e de redescobrir o papel das ENS no mundo de hoje».

Estes maravilhosos anos passados no Movimento constituíram, para nós, uma escola de vida e de formação progressiva na fé e também um caminho para nos aproximarmos paulatinamente de Deus em casal. A fé, mais do que um «saber», tem sido para nós dois uma aventura apaixonante de «entrega» a Deus. Mais do que um ser inacessível, entendemo-l'O como Deus encarnado no Filho de Maria, da mesma condição humana que nós. Ele trouxe ao mundo uma mensagem única: o seu «mandamento novo do amor», mensagem que compreendemos e aceitámos e à qual nos «entregámos» a fim de a difundir onde quer que estejamos. Mas não realizámos sozinhos esse processo de conhecimento de Deus; fizemo-lo no meio de uma comunidade viva de casais, nas Equipas de Nossa Senhora, graças à qual a nossa fé se tem fortalecido dia após dia. E é justamente disto que hoje queremos falar-lhes.

Procuraremos, muito particularmente, precisar o sentido de «comunidade», primeiro do ponto de vista da sociologia e, depois, segundo a óptica do Evangelho. A seguir, referiremos os diferentes tipos de comunidades de fé, a começar pelo casal, passando pela família, pela equipa e pelo Movimento, até chegarmos à Igreja como comunidade de comunidades. Por último, procuraremos responder à pergunta: como é que as Equipas de Nossa Senhora, comunidades vivas de casais, poderão dar uma resposta convincente e orientadora ao mundo de hoje?

### 1. O sentido sociológico da comunidade

O conceito de comunidade, do ponto de vista sociológico, tem conotações muito particulares que a distinguem de outras manifestações sociais, tais como a categoria, o aglomerado e o grupo social.

A *categoria social* é uma simples construção do pensamento que permite classificar fenómenos sociais análogos: os europeus, os americanos, os africanos, os asiáticos... Neste caso não se diz que todos os europeus, todos os americanos, todos os africanos ou todos os asiáticos estejam fisicamente

juntos ; também não se afirma que, dentro de cada categoria, as pessoas tenham entre si relações permanentes e estáveis.

O *aglomerado social*, pelo contrário, implica a presença física daqueles que dele fazem parte, embora as suas relações mútuas sejam fracas e passageiras. É o caso, por exemplo, dos apoiantes de uma equipa de futebol que se encontram num estádio para apoiar a sua equipa. Terminado o jogo, cada um regressa a sua casa e o aglomerado deixa de existir.

O *grupo social*, por outro lado, é uma reunião de pessoas com relações mais sólidas e estáveis em função da procura de um objectivo comum. A sua permanência depende da duração do objectivo. As equipas de futebol que se disputam, as empresas, as associações, os clubes, os sindicatos, etc., pertencem a este tipo de grupos sociais. Na maioria dos casos, as suas relações são regulamentadas em termos contratuais.

Finalmente, a *comunidade* é uma associação espontânea e duradoura de pessoas unidas por laços mais fortes, muitas vezes de tipo afectivo; os seus membros partilham uma ideologia e valores comuns que os fazem ter um forte sentido de unidade, de colaboração e de solidariedade mútua que lhes permite a consecução de objectivos comuns.

O sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, no seu livro *Comunidade e Sociedade (Gemeinschaft und Gesellschaft)*, publicado em 1887, foi o primeiro a referir-se a este tema. A suas ideias fundamentais podem ser resumidas da seguinte forma: «Todas as relações sociais são criações da vontade humana; há dois tipos de relações sociais: um, a *comunidade (Gemeinschaft)*, é constituído pela tendência natural e instintiva que impele a actividade humana para a associação espontânea entre os indivíduos. O segundo, a *sociedade (Gesellschaft)*, é formado pela vontade arbitrária ou formal, que, de maneira deliberada e finalista, determina a actividade humana em função do futuro. O primeiro, afirma Tönnies, cria relações estreitas e afectivas que garantem a permanência do grupo, porque a simpatia entre os membros fá-los sentir a relação como um bem em si; a família e a vizinhança possuem estas características. O segundo, pelo contrário, é próprio das actividades aos homens de negócios, dos cientistas e das pessoas investidas de autoridade, em suma, da *sociedade moderna*, acrescentaríamos nós. Tönnies manifestou claramente a sua preferência pelos valores associados à *comunidade*. Nós estamos na mesma linha de pensamento que este sociólogo no sentido em que, hoje em dia, é não só possível mas também necessário reconstruir o tecido social com base neste tipo de relações *comunitárias*<sup>3</sup>.

As Equipas de Nossa Senhora, de um ponto de vista exclusivamente sociológico, situam-se nas organizações de tipo social comunitário (*Gemeinschaft*), que, em relação à tipologia de Tönnies, se caracterizam pelo facto de partilharem valores comuns — no caso presente, evangélicos —, pelos fortes laços afectivos desenvolvidos entre os seus membros, opostos à concorrência mas prontos para a colaboração — chamada, entre nós, *entreaajuda* — e com um objectivo comum bem preciso: conseguir a *espiritualidade conjugal* dos seus membros com a ajuda de meios muito concretos. O número crescente de equipas no mundo (mais de dez mil, e em plena expansão) prova que este tipo de relações é possível no mundo de hoje, e que essas relações podem ser duráveis, eficazes e eficientes.

## 2. O sentido cristão da comunidade

Quando contemplamos a vida de Jesus, e muito particularmente a sua vida apostólica, não deixa de nos surpreender o facto de a primeira coisa que Ele fez foi formar um pequeno grupo de tipo *comunitário*. A este propósito, escrevia o Padre Caffarel: «A grande preocupação de Nosso Senhor Jesus Cristo, no início e ao longo da sua vida apostólica, foi a de agrupar, de reunir. [...] A vontade de Cristo foi reunir aqueles jovens à sua volta. Lançou o apelo ao passar junto de um deles, [...] e

<sup>3</sup> Cf. TIMASHEFF Nicholas S., *La Teoría Sociológica*. Fondo de cultura Económica. Décimo octava reimpresión. México, 1997, pp. 129 e ss.

*imediatamente seguiram o Senhor»<sup>4</sup>.*

Não foi por acaso que Jesus reuniu à sua volta uma comunidade. É que o Evangelho vive-se primordialmente em comunidade de fé, porque a prática do amor-entrega se aprende quando vivemos em interação estreita com outras pessoas. Assim, podemos dizer que a primeira comunidade de fé é o casal, a seguir a família, e depois todas as comunidades unidas à Igreja universal, em que procuramos viver segundo o Evangelho.

Como poderemos, então, definir uma comunidade de fé?

É a comunidade que integra pessoas batizadas que procuram a vontade de Deus, cujas relações pessoais são guiadas pelo amor que Cristo nos ensinou, que estão atentas à Palavra de Deus e que são fortalecidas pelo Espírito Santo e prontas a servir os outros.

*«O que distingue uma comunidade de um grupo de amigos, explica Jean VANIER, um especialista em comunidade, é que numa comunidade explicitamos a nossa pertença mútua e os nossos laços; anunciamos os nossos objectivos e o espírito que nos une. Reconhecemos juntos que somos responsáveis uns pelos outros, e que esse laço vem de Deus, é dom de Deus. Foi Ele que nos escolheu e nos reuniu, numa aliança de amor e solicitude mútua... Não há que procurar a comunidade ideal. Trata-se de amar aqueles que Deus pôs hoje ao nosso lado; eles são para nós sinal da presença de Deus»<sup>5</sup>.*

Neste contexto, a característica fundamental da comunidade de fé é a vida no amor. No entanto, há que procurar a sua origem na própria natureza de Deus, como explicava Xavier Lacroix, há seis anos no Encontro Internacional de Santiago de Compostela: *«O Deus cristão não é um indivíduo, uma substância estática; Ele próprio é relação, comunhão: “ao Deus Trindade corresponde o homem comunhão”»<sup>6</sup>.*

A comunidade de fé tem uma dinâmica própria:

- *Nasce*, não por geração espontânea mas como resposta ao apelo de Cristo: *«Segue-Me! E ele levantou-se e seguiu-O»* (Mt 9,9). Aprende-se, experimenta-se, vive-se e desenvolve-se na prática sustentada. Não há regras precisas para o seu crescimento, mas há critérios: o bem comum acima do bem individual; a caridade cristã acima de tudo; a procura permanente da vontade de Deus.
- *Cresce*, alimentando-se da Palavra, da oração e da Eucaristia. Vive o amor a exemplo de Cristo. Pratica a aceitação e o perdão. Contribui para o crescimento do outro.
- *Reproduz-se*, criando novas comunidades de fé.
- Mas também *morre*, no sentido evangélico da renúncia a si mesmo: cada vez que perdoamos ao nosso irmão, em cumprimento do mandamento novo do amor, morremos um pouco para nós próprios, e é aí que experimentamos um profundo sentimento de verdadeira felicidade.

É o próprio Cristo presente que reúne os crentes; daí que o amor seja o verdadeiro símbolo dos cristãos reunidos na grande comunidade eclesial. Por conseguinte, a comunidade de fé não é uma simples comunidade humana, porque se funda em Jesus Cristo para viver e anunciar o Evangelho em todos os cantos da terra.

A obsessão de Jesus, se nos é permitido usar esta expressão, é a UNIDADE: *«Como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti; para que assim eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu Me enviaste»* (Jo 17,21).

---

<sup>4</sup> CAFFAREL Henri, “*L’Ecclesia*” Conferência do Padre Henri Caffarel, proferida em São Paulo, em Julho de 1957, aos casais responsáveis das Equipas de Nossa Senhora, p. 2.

<sup>5</sup> VANIER Jean, *La Communauté: Lieu du Pardon et de La Fête*. FLEURUS – BELARMIN, Paris, 1989, pp. 26 e 52.

<sup>6</sup> LACROIX Xavier, *O nó de três fios*. Conferência proferida em Santiago de Compostela a 22 de Setembro de 2000, nº III.

A estrutura social mais autenticamente unitária é a comunidade. O que menos agrada a Jesus é a ruptura da unidade. Por isso, não se pode ser cristão fora da comunidade ou de costas para ela.

«*Que pouco é preciso, dizia João Paulo II, para que a Igreja exista, se multiplique e se espalhe a partir da decisão de dois ou três reunidos em nome de Cristo e unidos, por Ele, em oração com o Pai...*»<sup>7</sup>.

### 3. O casal cristão, primeira comunidade de fé

A primeira comunidade de fé é o casal cristão que vive a fé do sacramento do matrimónio, segundo a qual Cristo Se compromete com os esposos desde o próprio instante em que estes dão o seu consentimento mútuo. É, pois, uma comunidade a três: os dois esposos e Cristo.

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que, no princípio, Deus quis criar o casal: «*Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. [...] Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa*» (Gn 1,27-31). Infelizmente, passaram muitos séculos de vida da Igreja durante os quais se desfigurou ou, pelo menos, se ocultou esta realidade do projecto de Deus. De facto, o ideal de santidade foi, durante muito tempo, considerado como um projecto de relação pessoal, entenda-se individual, do homem ou da mulher com o seu Criador. Não é nossa intenção desqualificar tal projecto de vida e de crescimento espiritual: muito simplesmente queremos constatar o facto de que a vida em casal através do matrimónio cristão era proposta como alternativa de segunda ordem àqueles que tinham a intenção de se aproximar de Deus com um projecto de santidade. É interessante referir que houve quem tivesse sido elevado aos altares «apesar» do matrimónio ou «graças à cruz» que o matrimónio implicava e, na melhor das hipóteses, aproveitando a oportunidade dada pelo estado de viuvez.

Felizmente, a posição oficial da Igreja a este respeito tem vindo a evoluir a partir do Concílio Vaticano II e até à muito recente Encíclica do Papa Bento XVI *DEUS É AMOR*, que evoca o matrimónio como caminho de perfeição do casal ao mais alto nível: «*O matrimónio baseado num amor exclusivo e definitivo torna-se o ícone do relacionamento de Deus com o seu povo e, vice-versa, o modo de Deus amar torna-se a medida do amor humano*» (nº 11)<sup>8</sup>.

*«Não há que procurar a santidade fora do matrimónio.  
Não há santidade apesar do matrimónio,  
A santidade obtém-se no matrimónio.  
E, sobretudo, pelo matrimónio»*<sup>9</sup>.

Foi por isso que Mons. Fleischmann afirmou: «O Padre Caffarel é daqueles que voltaram a popularizar a concepção tradicional do casal consagrado como célula da Igreja “no sentido de pequena comunidade cristã visível, no seio da grande comunidade que é a paróquia”; mas, bem mais profundamente, no sentido de elemento vivo da grande sociedade espiritual que é a Igreja... Onde vive um casal cristão, aí começa a viver a Igreja»<sup>10</sup>.

Mas porquê comunidade? Justamente porque Deus nos criou à sua imagem e semelhança, que não é senão a capacidade de amar, e isto não se pode fazer sozinho mas em comunidade, dado que é aí que se realiza a prática do mandamento novo: «*Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei*» (Jo 15,12). Este mandamento exige a entrega mútua, o dom total ao outro, exige viver para ti e não para mim... e isto experimenta-se e pratica-se no casal cristão como primeira comunidade de base. Neste sentido, afirmamos que a primeira comunidade de fé é o casal unido pelo sacramento do matrimónio.

<sup>7</sup> JOÃO PAULO II, Alocução sobre a Igreja. *Osservatore Romano* nº 356, 15 de Julho 1979.

<sup>8</sup> BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est*. Roma, 25 Janeiro 2006.

<sup>9</sup> VERCROYSSSE Marie-Jeanne, Carta ao Padre THOMAZEAU – Julho 1997.

<sup>10</sup> FLEISCHMANN François, *A herança do Padre Henri Caffarel*. Conferência proferida em Roma, durante a reunião dos Responsáveis Regionais das ENS, 22 de Janeiro 2003, p. 7.

Um sacramento é uma realidade material que se apresenta como sinal de alguma coisa de sobrenatural; o sacramento do matrimônio é uma realidade material (o casal crente) que se apresenta ao mundo como sinal do amor de Deus pelo seu povo. Mas, como dizíamos antes, no matrimônio cristão, graças ao sacramento, há um elemento adicional e fundamental que o distingue de qualquer outra forma de união entre um homem e uma mulher: a presença de Cristo no casal, o que reforça o conceito de comunidade de fé. Portanto, Deus, o único que é Santo, comprometeu-Se com o casal como garante de que a santidade dos seus membros é possível e realizável para lá dos limites humanos.

A partir da nossa própria experiência de amor, vivida na pequena comunidade do nosso matrimônio, descobrimos um ponto fundamental: o compromisso de Deus conosco através do seu amor infinito, da sua fidelidade, do seu desejo do nosso bem, da sua imensa ternura, da sua bondade e da sua compaixão para conosco.

#### 4. A família cristã, comunidade de fé

A maioria dos sociólogos concorda em que a família é a unidade de base da sociedade, enquanto é transmissora básica da cultura. D. Cooper, que, em 1971, tinha escrito uma obra sobre «a morte da família», teve que corrigir a sua opinião e afirmar que a família não morre mas se transforma. Assim, se por razões muito diversas, não se pode negar que o modelo tradicional de família está em crise no terceiro milênio, também há que aceitar que têm surgido várias outras formas de família que conservam a mesma função que a família tradicional<sup>11</sup>. Essa função não é senão privilegiar a «socialização» entendida como o processo através do qual as pessoas, interagindo umas com as outras, desenvolvem as formas de pensar, de sentir e de agir essenciais à sua participação na sociedade.

Como Igreja doméstica, a família é o centro do amor e do conhecimento de Deus e do respeito pela vida. É o viveiro das virtudes cristãs e colaboradora no anúncio do Reino de Deus. Em sentido estrito, a família cristã é uma comunidade de fé, pois vive no seu seio a experiência de Deus e realiza a função educadora da fé em representação da Igreja. «*Da família poderíamos afirmar*, escreve o teólogo colombiano Sílvio Botero, *que é o “nós” mais próximo do homem enquanto ser criado para amar, e é o “nós” mais próximo de Deus que é a fonte e o modelo das relações interpessoais. Assim a família encontra-se na intersecção do humano e do divino*»<sup>12</sup>.

Por sua vez, Álvaro e Mercedes GÓMEZ-FERRER consideram que «*a lição mais importante que as Equipas nos dão é talvez a de nos recordar constantemente que a família depende do casal, que cuidar do o casal, do seu amor e do seu crescimento redonda sempre em benefício da família, pois a família apoia-se no amor do casal, que deve permanecer ao longo do tempo*»<sup>13</sup>.

A função principal dessa comunidade de fé é a educação dos filhos para os valores cristãos. Esta educação realiza-se fundamentalmente através do processo de «imitação» mais do que pelos discursos, numa proporção de três para um, segundo os psicólogos sociais. Ora, queridos pais e família das ENS, não se preocupem tanto com o que dizer aos filhos; preocupem-se antes em dar-lhes o testemunho do amor e da coerência entre aquilo em que acreditam e aquilo que vivem. Isso chega!

#### 5. As Equipas de Nossa Senhora, comunidades vivas de casais

No documento *O que é uma Equipa de Nossa Senhora?* lê-se: «*Uma Equipa de Nossa Senhora não é uma simples comunidade humana; reúne-se “em nome de Cristo” e quer ajudar os seus membros a progredir no amor a Deus e no amor ao próximo, para responder melhor ao apelo de Cristo*»<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> Cf. BOTERO Sílvio, *La familia en el Tercer Milenio*. Ediciones San Pablo. Bogotá, 2000. p. 117.

<sup>12</sup> *Ibid.* p. 127.

<sup>13</sup> GÓMEZ-FERRER Álvaro e Mercedes, «*Los Medios que proponen los Equipos para desarrollar un Proyecto de Familia*». Reunião nacional de responsáveis de equipa. Madrid, sábado 27 de Setembro de 2003, p. 3.

<sup>14</sup> EQUIPAS DE NOSSA SENHORA, *O que é uma Equipa de Nossa Senhora?*, Setembro 1976.

O Movimento é uma comunidade de comunidades na fé. Esta grande assembleia que, aparentemente, é um *aglomerado social*, é muito mais do que isso, pois vivemos estes momentos em íntima comunhão com Cristo através do seu Espírito.

Em Julho de 1957, o Padre Caffarel proferiu, na cidade de São Paulo, Brasil, uma conferência muito importante sobre «A Igreja»<sup>15</sup>. Nela afirmou que «*para que uma reunião de cristãos seja uma verdadeira Igreja, entenda-se uma comunidade de fé, tem de satisfazer determinadas condições: reunir-se na fé; romper com aquilo a que se está apegado; reunir-se em nome de Cristo; unir-se a Cristo pelo amor fraterno; escutar Cristo presente através da sua Palavra; responder a Cristo pela oração pessoal e pela oração da equipa (acção de graças, louvor ou súplica)*».

Acabámos de resumir a condições que o Padre Caffarel propôs para que a reunião de equipa constitua uma autêntica comunidade de fé; todavia, todos sabemos muito bem que a reunião de equipa é apenas o momento forte da vida de equipa. Esta prolonga a sua vida de maneira permanente e indefinida. Esta é uma das condições fundamentais da comunidade: a permanência que encontra as suas raízes na entrega mútua entre os seus membros e que a distingue de um simples «grupo» que se reúne com determinada frequência para alcançar um objectivo determinado. Uma vez atingido esse objectivo, o grupo deixa de ter sentido.

A comunidade de fé procura também um objectivo determinado. Contudo, uma vez que o seu objectivo é por natureza inacessível em plenitude, é necessário prolongá-la no tempo. Esse objectivo não é outra coisa senão a santidade dos seus membros; segundo as palavras de Bento XVI, «*devemos modelar continuamente o nosso ser e a nossa vida na imagem do Filho de Deus*»<sup>16</sup>.

A equipa, comunidade de fé, atinge a sua plena maturidade «*quando, impelida pelo Espírito de Jesus Cristo, a equipa envia os seus membros ao mundo para lhe revelar esse Amor*»<sup>17</sup>. A comunidade de fé sente «compaixão» pelo outro, entrega-se ao outro, compromete-se com ele segundo a imagem do Bom Samaritano. A comunidade de fé não tem sentido se ficar fechada em si mesma. A sua essência é o compromisso com o mundo, porque Jesus, no seu amor, deu a vida pelo mundo inteiro e não apenas por um povo determinado.

A este propósito, Jean VANIER afirma: «*O sentimento de pertença a um povo, a aliança e o compromisso que ela implica estão no centro da vida comunitária*». E, a seguir, interroga-se: «*Quem é o meu povo? O meu povo é formado exclusivamente pelas pessoas com quem vivo e que fizeram a mesma opção que eu, ou por aqueles pelos quais a comunidade foi criada?*»<sup>18</sup>. A sua resposta vai claramente para uma comunidade mais vasta. No caso das Equipas de Nossa Senhora, isso significa que o sentido da nossa pertença, o nosso povo, não pode reduzir-se àqueles que hoje constituem a nossa equipa ou pertencem ao Movimento; num sentido mais amplo, o nosso povo compreende todos os casais cristãos e, num sentido ainda mais amplo, todos aqueles que vivem o amor em casal.

É exactamente o ponto em que o Padre Caffarel insistiu até à exaustão: «*As equipas não devem ser creches de adultos... Os seus membros devem estar sempre comprometidos em todas as frentes...*»<sup>19</sup>. «*Para que entrei nas Equipas? Para receber ou para dar?...*»<sup>20</sup>. «*Não pareceis estar suficientemente preocupados em INVENTAR a vossa vida de equipa...*»<sup>21</sup>. «*Se as Equipas de Nossa Senhora não*

<sup>15</sup> CAFFAREL Henri, *L'Ecclesia*. Op. cit. pp. 9 e ss.

<sup>16</sup> BENTO XVI, na Audiência geral das quartas-feiras, 7 de Setembro 2005.

<sup>17</sup> EQUIPAS DE NOSSA SENHORA, *O que é uma Equipa de Nossa Senhora?*, Setembro 1976.

<sup>18</sup> VANIER Jean, Op. cit. p. 93.

<sup>19</sup> EQUIPAS DE NOSSA SENHORA, Carta mensal francesa, Junho 1948: *Garderies des adultes*.

<sup>20</sup> EQUIPAS DE NOSSA SENHORA, Carta mensal francesa, Dezembro 1948: *Spiritualité Accommodatrice*.

<sup>21</sup> EQUIPAS DE NOSSA SENHORA, Carta mensal francesa, Março 1949: *Innover*.

*forem um viveiro de homens e de mulheres prontos a assumir corajosamente todas as suas responsabilidades na Igreja e na cidade, perdem a sua razão de ser...»<sup>22</sup>.*

O beato Charles de Foucauld, por sua vez, afirmava: *«Cada cristão tem de ser apóstolo: não é um conselho, mas um mandamento, o mandamento da caridade»<sup>23</sup>.*

Nós, membros das Equipas de Nossa Senhora, como baptizados, em união com todos os outros baptizados do mundo, integramos a grande comunidade de comunidades que é a Igreja universal. Por seu turno, o movimento das ENS é uma comunidade activa da Igreja; os seus membros exprimem a dinâmica da «unidade» no Espírito e tornam viva a «comunidade» na história da humanidade. Por conseguinte, os casais das Equipas, enquanto casais unidos pelo sacramento, têm de ser construtores da história com base no amor, segundo o plano de Deus.

## **6. A Igreja, comunidade de comunidades, unida pela fé**

Actualmente, os teólogos aceitam que não seja possível viver-se uma autêntica vida cristã fora da comunidade de fé. Alguns chegam mesmo a afirmar que a Igreja é o sacramento primordial, entendida como comunidade de fé (Karl Rahner). Que a presença de Jesus Cristo só se pode exprimir através da comunidade que é a Igreja. Esta é o espaço em que o Evangelho se realiza. O Concílio Vaticano II pronunciou-se da seguinte forma: *«Aprove a Deus santificar e salvar os homens não individualmente e com exclusão de qualquer ligação mútua, mas fazendo deles um povo que O reconhecesse em verdade e O servisse santamente» (Lumen Gentium 9).*

Todos fomos educados numa cultura individualista e egoísta que nos torna difícil perceber a Igreja como comunidade, como povo de Deus. Temos que redescobrir, como os primeiros cristãos, que Cristo está no meio de nós, e está na medida em que formos capazes de nos constituir comunidade de fé, na medida em que formos espaço para que Cristo ressuscitado aconteça, na medida em que formos autêntico «povo de Deus». Este é um ponto que nos parece fundamental para a nossa reflexão.

Que significa ser povo de Deus? Todo o povo (nação) se identifica pelo facto de habitar num espaço geográfico comum, com fronteiras bem definidas, por ter laços histórico-culturais que o unem, por se expressar através de uma língua comum, por estar de acordo com um regime jurídico que lhe outorga a categoria de Estado autónomo... Deus Pai quis-nos constituídos como seu povo (nação) e, por isso, reuniu-nos, não num espaço territorial delimitado (ao estilo do povo judaico no Antigo Testamento) mas em torno de seu Filho Jesus Cristo (em união com o Pai e o Espírito Santo, segundo o Novo Testamento).

A nossa identidade é, pois, dada pelo grau de identificação com o Espírito de Cristo, que recebemos pelo baptismo. A nossa lei é o mandamento novo do amor. A nossa linguagem: a caridade que praticamos com os irmãos, não só com os que pertencem ao nosso povo, a Igreja, mas com todos os seres humanos. O nosso valor mais apreciado é o Evangelho. Daí que Cristo seja o centro da nossa vida e da nossa fé. Não estamos a formular uma teoria, mas a constatar uma realidade: a unidade que estamos a viver neste Encontro, em que nem as barreiras geográficas, linguísticas ou culturais nos impediram de viver como «povo de Deus», unidos pelo Espírito de Jesus.

*«Formai comunidades com base na fé! [...] é também importante conservar a comunhão com o Papa e com os Bispos. São eles que garantem que não se anda à procura de caminhos privados, mas que se está a viver, ao contrário, naquela grande família de Deus que o Senhor fundou com os doze Apóstolos»*, dizia o Papa Bento XVI nas Jornadas Mundiais da Juventude, em Colónia, no ano passado<sup>24</sup>.

<sup>22</sup> Citado em *Guia das Equipas de Nossa Senhora*. Março 2001, XI–2.

<sup>23</sup> As melhores frases de Charles FOUCAULD. Cidade do Vaticano, segunda-feira 19 Setembro 2005. ([www.zenit.org](http://www.zenit.org)).

<sup>24</sup> BENTO XVI, Homilia da missa de encerramento das Jornadas Mundiais da Juventude, Colónia, 15 de Agosto 2005.

## 7. O papel evangelizador das ENS no mundo de hoje

No início da nossa conferência fizemos uma pergunta: como podem as Equipas de Nossa Senhora, comunidades vivas de casais, dar uma resposta válida e convincente ao mundo de hoje?

Como dizíamos há pouco, temos cada vez mais consciência de que nos debatemos num mundo individualista, que tomou um rumo que o afasta rapidamente do ideal cristão da civilização do amor. Paradoxalmente, o nosso mundo não está longe da situação vivida pelas primeiras comunidades cristãs, caracterizadas pela predominância de uma cultura sem Deus, que não é exagero definir como «neopagã». «*Como o paganismo antigo*, escrevia o Padre Bartolomeo Sorge, S.J., *ela exalta os desvios morais, a violência, o dinheiro e o poder. Sobretudo, mostrou bem a sua incapacidade de edificar uma sociedade humana mais feliz, livre e justa. E, se é verdade que nos permitiu “ter” mais, condenou-nos a “ser” menos...*». Face a esta realidade, fazemos, com ele, a pergunta fundamental: «*Como anunciar hoje Evangelho, de forma a ele ser compreendido e livremente aceite por todos?...*»<sup>25</sup>.

O Evangelho não é um conjunto de verdades abstractas. O Evangelho não é só uma doutrina; é uma experiência de vida. Evangelizar é, antes de mais, abrir espaços para que a pessoa descubra a forma de se unir a Cristo. É tornar as pessoas permeáveis ao Espírito de Cristo. O Evangelho é pessoa. É comunidade. O Reino de Deus não acontece senão em comunidade de fé.

Os evangelistas registam a criação daquela pequena comunidade de Jesus com os seus doze discípulos. «*Começa para os discípulos um conhecimento directo do Mestre. Vêm onde mora e começam a conhecê-lo. De facto, eles não deverão ser anunciadores de uma ideia, mas testemunhas de uma pessoa*»<sup>26</sup>. Posteriormente, lendo os Actos dos Apóstolos, verifica-se como Paulo, ao ser expulso das sinagogas, se viu obrigado a inserir-se num outro espaço, primeiro nas famílias dos crentes de origem judaica e, depois, nas famílias pagãs, transformando as suas casas no novo lugar e campo de operação do anúncio do Evangelho. No entanto, o papel principal de Paulo aí não é a pregação; o anúncio é «ele» mesmo, que, como pessoa identificada com Cristo, impregna a comunidade familiar, transformando os valores naturais e humanos presentes nos pagãos em valores cristãos. Por outras palavras, Paulo desencadeia verdadeiras conversões, despertando para a fé na pessoa de Cristo e fazendo das famílias pagãs verdadeiras comunidades cristãs<sup>27</sup>.

A nossa estratégia não pode, pois, ser senão a que foi utilizada pelos primeiros cristãos: inserir-nos nos casais e nas famílias a fim de impregnar a cultura, a partir da própria base, com os valores evangélicos. Logo, a difusão do Evangelho não pode ser nem maciça nem discursiva; deve ser «vivencial», transformando-nos em testemunhas da pessoa de Cristo. É por isso que hoje temos de reivindicar a vida comunitária, pois só por ela é possível «inculturar» o Evangelho nos diferentes campos da vida humana, a fim de transformar, a partir de dentro, as consciências, as culturas e os costumes com a força e a luz do Evangelho. Ser cristão é viver os valores do Evangelho no seio da cultura em que se vive.

É, contudo, preciso ter em conta que «*a Igreja e os cristãos, segundo Sorge, são hoje uma pequena minoria numa sociedade e numa cultura largamente descristianizadas e neopagãs. Todavia, para a Igreja, ser “uma minoria” não é um mal: é a sua condição originária... De facto, a Igreja — “pequeno rebanho” (Lc 12,32) — nasceu não para ser massa mas para ser fermento*»<sup>28</sup>.

<sup>25</sup> SORGE Bartolomeo S.J., *Per una civiltà dell'amore*. Quiriniana. Terza edizione, Brescia 1999. Cap. 7, pp. 97 e ss.

<sup>26</sup> BENTO XVI, «*Os Apóstolos testemunhas e enviados de Cristo*», Audiência Geral, quarta-feira 22 de Março 2006.

<sup>27</sup> BAENA Gustavo S.J., «*Lineamentos de Pastoral de la Cultura*». Em Sínodo Arquidiocesano de Bogotá –Seminário – Taller de Discernimiento. W. Taller Editorial. Bogotá D.C., 1993, pp. 217-252.

<sup>28</sup> SORGE Bartolomeo S.J., *Op. cit.*, p. 101.

É nesta perspectiva que podemos situar o papel evangelizador das EQUIPAS DE NOSSA SENHORA no mundo de hoje. Hoje, sessenta anos após a nossa fundação, temos uma enorme «vantagem comparativa»: estamos presentes nos cinco continentes com mais de 10 000 equipas, o que significa cerca de 50 000 casais que equivalem a mais de 100 000 membros. Poucos movimentos de Igreja contam, segundo a expressão da nossa Carta, com «*grupos de combate compostos por voluntários*» de dimensão e qualidade semelhantes, com uma taxa anual de crescimento contínuo de 4,25% nos últimos doze anos e presentes em quase todos os cantos do mundo. Isto não é por acaso! É uma clara manifestação da Providência e do Espírito Santo, como dizia o Padre Caffarel uns anos antes de morrer<sup>29</sup>.

Apesar desta situação privilegiada, continuamos a ser uma *minoría* que leva consigo um apelo exigente a que nos convertamos em «comunidades vivas de casais» com um claro sentido histórico da missão a que fomos chamados, como nos recordou Sua Santidade o Papa João Paulo II, na sua alocução de Janeiro 2003: «*Chamados a “iluminar aqueles que buscam a verdade” (Lumen Gentium, nº 35), nomeadamente os filhos; os esposos poderão então desenvolver plenamente a graça do seu Baptismo nas suas missões específicas no seio da família, na sociedade e na Igreja...*»<sup>30</sup>.

Certamente, o carisma fundamental do movimento, a sua razão de ser, não é senão viver Deus em casal, descobrindo as riquezas do sacramento do matrimónio, o que para nós, membros das Equipas, é viver a espiritualidade conjugal. Para isso, formamos equipa (comunidade de casais) para nos entreajudarmos a atingir o nosso ideal. É assim que, ao longo dos seus quase sessenta anos de história, as Equipas têm dado provas de uma grande capacidade para formar casais cristãos à luz do Evangelho. Neste sentido, sem sombra de dúvida, as Equipas são autênticas comunidades de fé. Porém, em total acordo com Jean VANIER, «*uma comunidade só se constitui como tal quando todos os seus membros têm um sentimento de urgência da sua missão*»<sup>31</sup>.

Fora do Movimento, diz-se que as equipas tendem a viver voltadas para dentro de si, com poucas repercussões no seu meio. Contudo, no *Guia das Equipas* lê-se: «*Os membros das Equipas de Nossa Senhora vivem no mundo de hoje, fazem plenamente parte dele e querem ser “fermento na massa”. É por isso que precisam de discernir continuamente os sinais dos tempos para descobrir a nova realidade e as necessidades que ela implica para os casais de hoje*»<sup>32</sup>.

«Discernir continuamente os sinais dos tempos» é uma afirmação baseada no reconhecimento da dinâmica histórica e cultural da humanidade que influencia de forma decisiva o pensamento, os valores, as atitudes e os comportamentos dos seres humanos. Por outras palavras, discernir os sinais dos tempos é interpretar e reconhecer a evolução das aspirações e das necessidades das mulheres e dos homens do nosso tempo. Os sinais dos tempos devem ser observados principalmente nas pessoas de hoje, em cada geração, nas suas interrogações mais angustiantes sobre a vida presente e futura, nas suas aspirações mais profundas, nos seus desesposos mais frustrantes.

Não podemos ficar indiferentes face à realidade do nosso povo. Somos chamados a ser «*fermento na massa*» (Mt 13,33). «O fermento na massa é, com certeza, “minoría”, mas não é por isso que é “marginalidade”, se é bom; destina-se a fermentar toda a massa. Da mesma forma, o sal é “minoría” nos alimentos que tem de salgar, mas não é por isso que a sua tarefa é “marginal”»<sup>33</sup>.

Nós, membros das ENS, temos de ter consciência da exigência da nossa vocação cristã face à necessidade de imprimir um sentido histórico ao nosso Movimento, discernindo os sinais dos tempos e

<sup>29</sup> Cf. CAFFAREL, Henri., *O Carisma Fundador: Reflexões sobre as origens, o Carisma fundador e a situação actual das ENS*, Conferência proferida em Chantilly, a 3 de Março 1987, por ocasião da reunião da reunião dos Responsáveis Regionais e Supra-Regionais europeus.

<sup>30</sup> JOÃO PAULO II, Alocução aos casais Responsáveis Regionais das ENS. Roma, Janeiro 2003, nº 5.

<sup>31</sup> VANIER Jean, *Op. cit.*, p. 92.

<sup>32</sup> EQUIPAS DE NOSSA SENHORA, *Guia das ENS*, p. 7.

<sup>33</sup> SORGE Bartolomeo S.J., *Op. cit.*, p. 101.

respondendo com diligência e prontidão ao apelo de Jesus a sermos sal da terra, luz do mundo e fermento na massa. Temos de ter consciência também, como casais cristãos, do facto de estarmos situados no próprio coração da sociedade, na família, reconhecida como tal pela maioria dos sociólogos de todos os tempos. Somos chamados a dar testemunho da nossa fé, do nosso amor e da nossa esperança a um mundo que navega sem rumo nas águas do individualismo. Não podemos renunciar ao anúncio da boa nova do matrimónio cristão a todos os casais casados ou para casar, ao grupo cada vez mais numeroso dos que coabitam antes do casamento e mesmo àqueles que são casados civilmente, a fim de lhes oferecer a possibilidade de conhecer a boa nova do matrimónio cristão como caminho de amor, de felicidade e de santidade. É este o nosso «povo» segundo a óptica de Jean VANIER. Não façamos das nossas equipas «creches de adultos de boa vontade, mas autênticos e eficazes grupos de combate» no interior da Igreja e da sociedade.

Por outro lado, o número de divórcios e de separações aumenta de maneira exponencial. Ora, os doentes são os casais que vão ficando estendidos à beira da estrada. O sentido da pertença e a expressão do amor à comunidade não podem excluir do nosso «povo» todos aqueles que vivem nessas condições e com necessidades semelhantes: os casais em dificuldade, os divorciados e os divorciados recasados. Por vocação e formação, somos, como poucos, chamados a acompanhá-los — fora do Movimento — a fim de que eles possam encontrar o amor misericordioso de Deus, como nos pediu encarecidamente João Paulo II na sua alocução já referida: «*Possam eles encontrar no seu caminho testemunhas da ternura e da misericórdia de Deus!*»<sup>34</sup>.

Para concluir, devemos dar testemunho de que Jesus, centro da nossa vida, ser o único que pode dar sentido às nossas vidas enquanto pessoas e enquanto casais, bem como às nossas equipas, como autênticas comunidades de fé; é assim que podemos contribuir eficazmente para a construção do Reino de Deus na nossa sociedade sob o signo da NOVA CIVILIZAÇÃO DO AMOR!

Nada mais adequado para terminar esta conferência que recitar a oração a Maria com que Bento XVI termina a sua Encíclica *Deus é amor*:

*Santa Maria, Mãe de Deus,  
Vós destes ao mundo a luz verdadeira,  
Jesus, vosso Filho — Filho de Deus.  
Entregastes-Vos completamente  
ao chamamento de Deus  
e assim Vos tornastes fonte  
da bondade que brota d'Ele.  
Mostrai-nos Jesus.  
Guiai-nos para Ele.  
Ensinai-nos a conhecê-l'O e a amá-l'O,  
para podermos também nós  
tornar-nos capazes de verdadeiro amor  
e ser fonte de água viva  
no meio de um mundo sequioso. Amen.*

Alberto e Constanza ALVARADO  
Casal membro das ENS

---

<sup>34</sup> JOÃO PAULO II, Alocução aos casais responsáveis Regionais das ENS. Roma, Janeiro 2003, nº 7.